

MARIÁTEGUI, ASSINANTE DE CLARTÉ

Mariátegui, Clarté's subscriber

Carmen Susana
TORNQUIST

✉ carmentornquist@hotmail.com

Universidade do Estado
de Santa Catarina
Florianópolis, SC, Brasil

RESUMO

Este artigo analisa a interlocução de José Carlos Mariátegui com o movimento *Clarté*, grupo de intelectuais franceses que editou entre 1919 e 1928 um periódico de mesmo nome, cuja distribuição extrapolou os marcos dos países francófonos. Além de referências diretas ao grupo e compartilhamento de temas e autores comuns, Mariátegui traduziu e divulgou matérias editadas por *Clarté*, expressando uma prática comum à época: o intercâmbio permanente e a interlocução feita entre periódicos, consolidando uma esfera pública de intenso e dinâmico debate. Esse processo estabeleceu uma rede editorial de caráter internacional, articulando a América do Sul ao mundo, de fundamental importância na organização da cultura, tarefa que Mariátegui assumiu como prioritária ao retornar de sua viagem à Europa.

Palavras-chave: Mariátegui, *Clarté*, editorialismo programático, marxismo.

ABSTRACT

This article analyzes the dialogue between José Carlos Mariátegui and *Clarté* movement, a group of French intellectuals who, between 1919 and 1928, the distribution of which crossed the boundaries of the French-speaking countries. In addition to direct references to the group and the sharing of themes and common authors, Mariátegui translated and published articles edited by *Clarté*, expressing a common practice at the time: the permanent exchange and interlocution between and by the journals, consolidating a public sphere of intense and dynamic debate. This process consolidated an editorial network of international character, articulating South America with the world, what was fundamental in the organization of culture, a task Mariátegui assumed as a priority when returning from his trip to Europe.

Keywords: Mariátegui, *Clarté*, programmatic editorialism, marxism.

Dossiê A imprensa francófona nas Américas nos séculos XIX e XX

Organizadores: Valéria dos Santos Guimarães, Guillaume Pinson, Diana Cooper-Richet

Sabemos que a trajetória de grandes pensadores não é apenas fruto da sua genialidade e talento, mas também da sua capacidade de absorver e elaborar processos candentes e inovadores que estiveram presentes nos contextos históricos em que viveram. José Carlos Mariátegui foi um destes pensadores. As razões pelas quais conseguiu fazer uma análise acurada de uma situação histórica concreta, exemplarmente sistematizada em *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, são alvo de um debate permanente, em especial entre aqueles que seguem empenhados em compreender as razões da subalternidade de nossa região no sistema capitalista mundial. Sua atualidade, reivindicada por estudiosos de diferentes perspectivas teóricas, reside na chave anti-positivista de sua interpretação, que estaria relacionada, de um lado, à sua formação ideológica (europeia) e, de outro, a seu permanente vínculo com os sujeitos políticos que emergiram no contexto em que viveu¹.

Mariátegui faz muitas referências a *Clarté*, um dos primeiros movimentos comunistas da França. Fala diretamente do grupo no artigo “El grupo suprarrealista y *Clarté*”, publicado em *Varietades* em julho de 1926, e em “El Grupo *Clarté*”, editado na coletânea de 1925 *La escena contemporánea*. Ou, ainda, do artigo “La lucha final”, publicado na revista *Mundial* em março de 1925, dedicado a analisar a Revolução Soviética e no qual ele se refere a uma das editoras da revista *Clarté* – Madeleine Marx – como “uma das mulheres de letras mais inquietas e mais modernas da França contemporânea (MARIÁTEGUI, 1994a, p. 499).

Mariátegui conheceu *Clarté* em seus primeiros dias, quando chega a Europa, e estabelece, a partir de então, um vínculo que se estende até o final de sua vida. Parto da premissa de que ter sido leitor assíduo e assinante da revista *Clarté* deixou marcas importantes na obra de Mariátegui. Sobre este aspecto, considero bastante pertinentes as afirmações de Robert Paris:

Se é certo que em sua essência a formação ideológica de Mariátegui é, em primeira chave, italiana, as formas – acreditamos – foram tomadas de *Clarté*. Este é, na verdade, um elemento comum àquele período: de *Claridad*, de Haya de la Torre, a Aníbal Ponce ou ao *Ordine Nuovo* de Gramsci, as práticas dos intelectuais dos anos 1920 e 1930 seguem ancoradas sob o signo da experiência prodigiosa inaugurada por Henri Barbusse (PARIS, 1969, p. 9, tradução livre).

Nesse sentido, destacarei, em particular, seu trabalho como periodista, expresso de forma mais clara na direção da *Librería Minerva* e da *Sociedad Editora Amauta*², e na organização da revista *Amauta* e do jornal *Labor*. No entanto, apesar de neste artigo tratar da *influência* de *Clarté* sobre Mariátegui – entendendo *influência* como uma escolha e não uma absorção inconsciente –, não pretendo afirmar que ela se sobrepôs a outras experiências como, notadamente, é o caso do impacto que o periódico *L'Ordine Nuovo*, liderado por Gramsci, exerceu sobre o autor (BEIGEL, 2006). Assim como em Gramsci, a leitura do marxismo feita por Mariátegui contém vários elementos do mesmo contexto histórico da Itália, do início do século XX, especialmente

a experiência operária do “Biênio Vermelho”, do ponto de vista político, e filosoficamente pela hegemonia do historicismo, sob influência de Benedetto Croce (BEIGEL, 2005).

Este artigo se apoia em pesquisa feita nos exemplares microfilmados do *Bulletin* e da revista *Clarté*, publicados em Paris entre 1919 e 1928³, e nos exemplares em *fac-símile* da revista *Amauta*, editada no Peru entre 1926 e 1930⁴, bem como em artigos compilados na obra *Mariátegui Total*. Também foram analisadas as cartas trocadas entre Mariátegui e outros escritores e editores, que expressam a centralidade das correspondências na interlocução permanente do peruano com seus pares e a dinamicidade típica das redes editorialistas de seu tempo.

Os materiais foram examinados à luz da análise de conteúdo, considerando a necessidade de tratar de forma específica cada tipo de texto (cartas, artigos, editoriais, livros). Sublinhamos a especificidade das revistas, fonte prioritária desta investigação. Diferentemente dos jornais, submetidos ao imediatismo cotidiano, e dos livros, marcados pela transcendência, as revistas ocupariam um lugar intermediário entre essas duas “temporalidades” (CRESPO, 2011, p. 99). No que tange às correspondências trocadas entre Mariátegui e seus interlocutores, trabalhei com a ideia de relativizar a distinção entre público e privado, já que se trata de personalidades públicas, bem como a natureza dos temas abordados (NETTER, 1990, p. 5-9).

Busco mostrar que o contato de Mariátegui com *Clarté* contribuiu para o seu trabalho como *organizador da cultura* após o seu retorno da Europa, em 1923. Esse período, considerado pelos seus biógrafos como o mais importante na sua produção intelectual – e ao qual ele se refere como correspondendo a sua “tarefa americana” – foi marcado pela dedicação à estruturação de um projeto socialista para o Peru, no qual a socialização da cultura e a construção de uma consciência sobre as condições concretas da região serão fundamentais.

Clarté: uma trajetória dinâmica

O Grupo Clarté foi um movimento composto inicialmente por intelectuais franceses que criou um *Bulletin* e, a seguir, uma revista com o mesmo nome, como forma de divulgar suas ideias. Fazia parte das atribuições dos *clartéistes* – como eram chamados os ativistas diretamente ligados ao projeto – participar de reuniões e debates em bairros de Paris ou de outras cidades onde se instituíam grupos de adeptos de seus ideais, travando ao vivo os debates veiculados pela revista. Mais do que um grupo editorial, *Clarté* foi um movimento. Também é considerado o primeiro periódico de orientação comunista da França e o principal divulgador da revolução soviética na Europa, entre um amplo conjunto de publicações que compõem o campo editorial socialista naquele país (RACINE, 1967). Uma detalhada análise dessa trajetória do grupo foi feita, recentemente, por Alain Cuenot (2003a; 2003b). O historiador classifica, em linhas gerais, duas fases de *Clarté*: a primeira, entre 1919 e 1925, corresponde à passagem de uma ideologia pacifista ao que ele chama de internacionalismo proletário, e a segunda, entre 1926 e 1928, marcada pela relação com o surrealismo e a posterior identificação com o trotskismo. Mas, neste artigo, o percurso do grupo será tratado de forma mais abrangente, tendo em conta algumas características

centrais que atravessam esses períodos. *Clarté* foi marcada pela dinamicidade e pela polêmica constante e por isto paradigmática do editorialismo de vanguarda dos anos de 1920, expressando os principais processos políticos, intelectuais e artísticos vivenciados na Europa. A primeira edição do periódico *Clarté* se dá em dezembro de 1919 e se expressa em um *Bulletin*, publicado quinzenalmente. Rapidamente, o grupo que compõe o comitê editorial logra transformá-lo em *hebdomadaire*, e a publicação torna-se semanal, até o final de seus dias, em 1928, com apenas algumas lacunas em termos de periodicidade⁵.

Em vários de seus números aparece, após o nome *Clarté*, um subtítulo: *Bulletin Français de l'Internationale de la Pensée* (Boletim Francês da Internacional do Pensamento) e consignas como “Façamos uma Revolução nos Espíritos” e “Pela construção de uma Internacional dos Espíritos”. Se Barbusse foi o seu mais conhecido membro, não há dúvida de que a iniciativa somente pôde se transformar em realidade porque contou com o apoio de vários outros ativistas igualmente influentes no campo socialista, dentre os quais destacam-se Paul Vaillant-Couturier, Raymond Lefebvre⁶, Madeleine Marx e Michel Fourier. Barbusse foi o principal interlocutor francês de Mariátegui até o final de sua vida, e a sua célebre frase a respeito do peruano ficou imortalizada em seu túmulo, em Lima⁷. Mariátegui havia lido um romance de Barbusse ainda no Peru e, ao chegar em Paris, depara-se com outro livro seu (*Le feu*), romance de guerra que ganhou o Prêmio *Goncourt* em 1916. A partir de sua admiração pelo escritor, Mariátegui procura Barbusse em dezembro de 1919, em sua rápida passagem por Paris, antes de mudar-se para a Itália. A partir desse encontro, no qual conheceu as “Oficinas de Clarté”, poucos dias antes da edição do seu primeiro *Bulletin*, a relação com Barbusse e com o grupo-movimento será permanente.

Henri Barbusse, além de ser escritor, tinha uma participação política situada no âmbito do movimento pacifista desencadeado pela guerra de 1914-1918. Estava, nesse momento, articulando-se com outros intelectuais e escritores da Europa, muitos dos quais socialistas, em torno da Associação Republicana dos Antigos Combatentes (A.R.A.C.). À luz de suas experiências pessoais nas frentes de batalha, organizaram-se no combate político à guerra. A I Guerra foi por eles considerada a maior expressão do retrocesso da humanidade, um atentado ao espírito das “Luzes” e às possibilidades de emancipação humana. Juntamente com outros intelectuais europeus, como Romain Rolland, que havia se posicionado contra a Guerra, Barbusse propõe a criação de um movimento intelectual de caráter internacional e pacifista. O nome do periódico expressa a perspectiva (em português, *Clarté* corresponde a Claridade), e o primeiro logotipo do *Bulletin*, depois utilizado em tamanho diminuto na revista entre 1921 e 1922, fazia referência explícita às “luzes que iluminam a consciência. Na figura 01, pode-se ver, ao centro, a imagem de uma mulher iluminada por raios de luz, bem como a referência ao diretor – Henri Barbusse, logo abaixo do título, e um sumário com os artigos de fundo, com referência a seus autores.

O diálogo permanente entre equipe editorial e seus leitores e leitoras era expresso de diferentes formas, na revista. Nesta via, eram feitas solicitação de apoio econômico, via *assinaturas*, já que o periódico visava ser independente e autônomo. Os assinantes

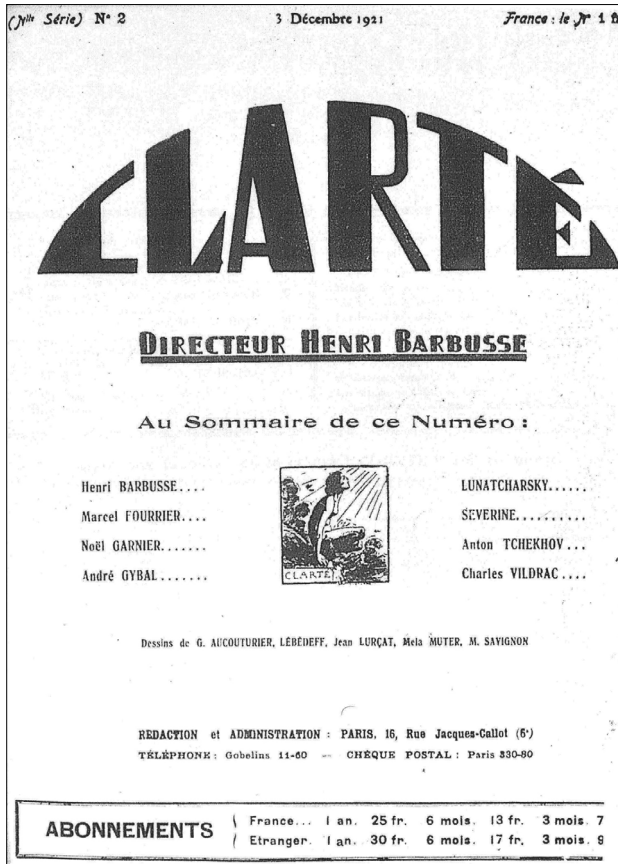


Fig. 01. Capa da Revista *Clarté*, n. 3, Dezembro de 1921.

eram considerados “*amigos de Clarté*”, o que significava que, além de contribuir com recursos econômicos para a manutenção da revista, alinhavam-se à orientação ideológica do grupo. Esta proposta, todavia, não pôde sempre ser cumprido à risca, e *Clarté* passou a contar, sobretudo a partir de 1923, com a presença de publicidade, em sua maioria de editoras e livrarias e produtos relacionados ao mundo das letras, como estantes, mesas de estudo, bem como anúncios de serviços profissionais ligados ao ensino de línguas. A temática da autonomia econômica e da independência política dela decorrente foi um dos pontos de grande importância para vários periódicos similares, e aparece também na pauta de Mariátegui e de outros projetos latino-americanos.

Desde os primeiros números os leitores e leitoras podiam apreciar desenhos relativos à personalidades como Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht, Lênin, Marx. Destaca-se também a reprodução de xilogravuras e desenhos de artistas ligados ao surrealismo, ao futurismo, dadaísmo e ao expressionismo alemão. Obras de Georges Grosz, Mela Muter, Franz Masereel, Henri Matisse, Pablo Picasso e outros eram frequentes na revista, as vezes colocadas na própria capa, como a que segue, com um trabalho de artista russo Serge Fotinsky. Esta obra, aliás, circulou em vários outros periódicos da época, inclusive na América latina.

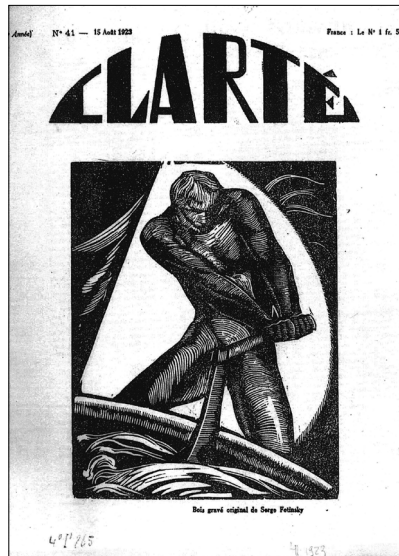
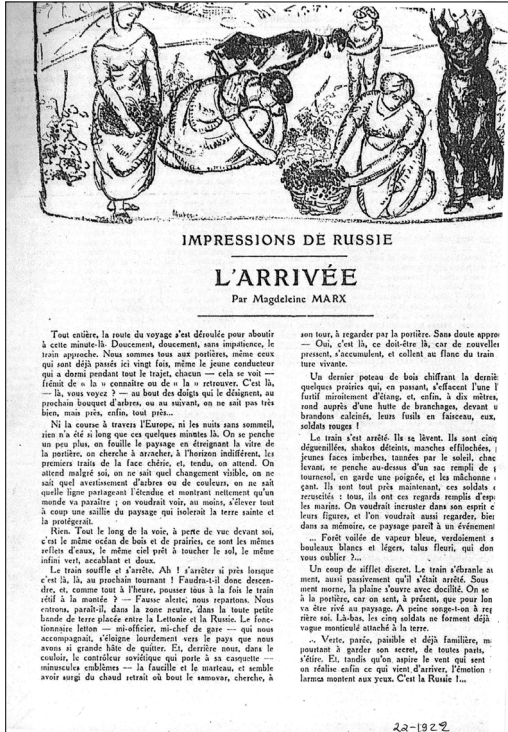


Fig. 02. Capa da *Revista Clarté*, n. 41, Agosto de 1923.

Fotografias também foram usadas, tanto avulsas quanto junto a análises da situação política de países que vivam processos ‘revolucionários’. A presença destas era acompanhada de artigos ou dizeres que contestavam claramente as matérias divulgadas pela imprensa burguesa e afirmavam o compromisso de *Clarté* com a verdade. Por exemplo, um mapa da “verdadeira” Rússia foi publicado de forma reduzida, em 1920, e depois, vendido em tamanho maior, a preços módicos pela editora Clarté, objetivando difundir a representação correta, do ponto de vista cartográfico, do mapa mundial. O mesmo acontece com relação aos mapas da China e do Marrocos, alguns anos depois.

Artigos de caráter testemunhal, escritos por diferentes pessoas que viajavam para o país, foram frequentes em *Clarté*, como se pode ver, na figura 03.

A matéria *Impressões da Rússia* foi publicada em partes, por Magdeleine Marx, que fez parte da equipe editorial que criou o periódico, em 1919. O desenho que ilustra



IMPRESSIONS DE RUSSIE

L'ARRIVÉE

Par Magdeleine MARX

Tout entier, la route du voyage s'est détreinée pour aboutir à cette minute-là. Doucement, doucement, sans impulsion, le train approche. Nous sommes tous aux poitrines, même ceux qui sont déjà partis en vingt fois, même le jeune conducteur qui a dormi pendant tout le trajet, chacun — cela se voit — frémir de « la » connaître ou de « la » retrouver. C'est là, — là, vous voyez ? — au bout des doigts qui le désignent, au prochain bouquet d'arbres, ou au suivant, on ne sait pas très bien, mais près, enfin, tout près.

Ni la course à travers l'Europe, ni les nuits sans sommeil, rien n'a été si long que ces quelques minutes là. On se penche un peu plus, on fouille le paysage en désignant la voie de la poitrine, on cherche à arracher, à l'horizon indifférent, les premiers traits de la face chérie, et, tendu, on attend. On attend malgré soi, on ne sait quel changement visible, on se sait quel avènement d'autres ou de couleurs, on ne sait quelle ligne postagale s'étendra et montrera nettement qu'un monde va passer ; on voudrait voir, au moins, s'élever tout à coup une aigle de paysage qui isolerait la terre sainte et la postulerait.

Rien. Tout le long de la voie, à perte de vue devant soi, c'est le même océan de bois et de prairies, ce sont les mêmes reflets d'eau, le même ciel prêt à toucher le sol, le même infini vert, accablant et doux.

Le train souffle et s'arrête. Ah ! s'arrêter si près lorsque c'est là, là, au prochain tournant ! Faudrait-il donc descendre, et, comme tout à l'heure, pousser tous à la fois le train etif et la manège ? — D'assez loin, nous regardons. Nous entrons, paraît-il, dans la zone neutre, dans la toute petite bande de terre placée entre la Lettonie et la Russie. Le fonctionnaire letton — officier, mi-chef de gare — qui nous accompagnait, s'éloigne lourdement vers le pays que nous avons si grande hâte de quitter. Et, derrière nous, dans la coulisse, le contrôleur soviétique qui porte à sa casquette — minuscules emblèmes — la faucille et le marteau, et semble avoir surgi du chaud étroit où bout le « nouveau », cherche, à

son tour, à regarder par la poitrine. Sans doute éprouve-t-il, d'un côté, ce désir de le voir, ce désir de nouvelles pressions, s'accablant, et collant au flanc du train que vivante.

Un dernier poteau de bois chiffant la dernière quelques prairies qui, en passant, s'effacent l'une l'autre, maintenant d'élong, et, enfin, à dix mètres, nous sommes auprès d'une haie de branches, devant un brandon calciné, leurs fusils en faisceau, eux, soldats rouges !

Le train s'est arrêté. Il se lève. Il se voit cinq dégringolées, hakos défaits, marches effilochées, et jeunes faces indolentes, tendues par le soleil, chaque levant, se penche au-dessus d'un sac rempli de tourterelles, en parole une poignée, et les michelette — ça, ils sont tout près maintenant, ces soldats et recueillis ; tous, ils ont ces regards remplis d'espérer les matras. On voudrait insister dans son esprit à leurs figures, et l'on voudrait aussi regarder, bien dans sa mémoire, ce paysage pareil à un événement !

Faible voile de vapeur blanche, voilamment à boulez blancs et légers, talus fleuris, qui don vous oublier ?

Un coup de affût discret. Le train s'ébranle au ment, aussi positivement qu'il s'était arrêté. Sous ment morte, la plaine s'ouvre avec docilité. On se à la poitrine, car on sent à présent, que pour lui va être rivé au paysage. À peine souge-ton à regarder sur. Là-bas, les cinq soldats ne forment déjà vague insensiblement attaché à la terre.

« Verte, parie, paisible et déjà familière, me maintenant à garder son secret, de toutes parts, s'évite. Et, tandis qu'on aspire le vent qui sent un réalisme enfin ce qui vient d'arriver. l'impression — l'arrête moment aux yeux. C'est la Russie !... »

22-1922

Fig. 03 – Revista *Clarté*, n. 22, Março de 1922.

esta parte do texto é de Mela Muter, que esteve presente por vários anos em *Clarté*. A presença de mulheres como autoras e do feminismo como um tema não é ocasional, em *Clarté*⁸. E, como vimos antes, Mariátegui refere-se à Madeleine Marx no artigo citado anteriormente, sobre a Revolução Russa. Em *Clarté*, ela se responsabilizou por inúmeras traduções de textos para o francês que originalmente estavam em alemão e em inglês, e escreveu livros como *Fleme*, em 1919 e *Une Grande Grève aux États Unis*, em 1927. Em 1923, publicou um livro sobre a Rússia chamado *A luta final (C'est la Lutte Finale)*, em 1923. É provável que Mariátegui tenha tido contato com estes livros, inclusive para escrever seu artigo, que levou o nome do livro e que corresponde ao Hino da União Soviética e da Internacional.

A revista se estruturou com seções permanentes como “La vie économique”, “La vie politique”, “La vie intellectuelle” “La vie sociale” “La vie de notre revue”, entre outras, bem como listas dos assinantes, cartas de leitores, listas de livros e revistas recebidos – em geral, acompanhados de comentários críticos, e uma coluna contendo um rol de livros com preços acessíveis editados pela gráfica de *Clarté*. Campanhas

em prol da leitura, como “o livro do mês”, “o que ler nas férias”, “livros para crianças”, também fizeram parte das ações da revista, que não deixou de incluir uma ampla Campanha contra a Fome na Rússia com vistas a apoiar o povo russo contra o bloqueio econômico dos países europeus, ao longo de 1919. Destaca-se também a realização e publicação de “Enquetes”, como exemplo a que foi feita por *Clarté* em 1927, cujos resultados são apreciados por Pierre Naville (1927) em artigo intitulado: “Nosso trabalho revolucionário – A enquete de Clarté” no qual analisa as respostas dos leitores, sobretudo europeus, ao questionário enviado pelos editores sobre os objetivos da revista. Nas revistas latino-americanas, a publicação de *Encuestas* também foi comum. Destacamos a discussão de Mariátegui sobre a conhecida enquete feita pelos surrealistas acerca do amor e da sexualidade, no artigo “El super-realismo y el amor”, artigo publicado na revista *Mundial*, em 1930 (MARIÁTEGUI, 1994, p. 568).

O periódico era distribuído pelo correio, cuja rapidez e eficiência não podem ser negligenciadas, sendo vendido em quiosques e também nos encontros de *Clarté* realizados em teatros e associações sindicais ou escolas. A publicação referia-se com frequência a datas comemorativas, seja de eventos (Revolução Soviética, Comuna de Paris, Dia do Trabalho, Grande Guerra etc.) ou de aniversários de líderes socialistas (Lênin, Marx, Raymond Lefebvre, Louise Michel, Rosa Luxemburgo)

Clarté, além das subseções na França e em outros países da Europa, teve núcleos e adeptos no Egito, em Cuba, no México, Argentina, Uruguai. A ligação entre esses núcleos, todavia, era bastante flexível, já que se tratava de um movimento cultural ou intelectual que não seguia modelos doutrinários rígidos. No Brasil, existiu um grupo *Clarté* entre 1921 e 1922, atuando no sudeste do país, que reuniu os membros do Grupo Comunista Brasileiro Zumbi (SILVA, 2017). Foram importantes divulgadores da Revolução Soviética no país, mas sua trajetória foi curta e nos anos seguintes alguns de seus membros aderiram ao programa sindical de Getúlio Vargas, expressando uma leitura bastante peculiar das proposições *clartéistes* (HALL; PINHEIRO, 1986).

A presença de ilustrações de artistas das vanguardas e o permanente debate acerca da arte ancorava-se na percepção do grupo, da necessidade de promover rupturas em todos os níveis com a sociedade capitalista e com a moral burguesa. Era comum que as ilustrações fossem reproduzidas sem fazer referências a autoria ou fontes originais, expressando o comum acordo entre estes periódicos sobre a necessidade de socialização e popularização das produções e criações, sem referências a direitos autorais. Daí entendermos por que são replicados com frequência logotipos, textos, frases, nomes de seções, além de ilustrações.

A relação com o surrealismo foi bastante significativa na trajetória de *Clarté*, tendo havido uma proposta de criação de uma revista em comum com o grupo liderado por André Breton, em 1926. No número 79, último de 1925, Michel Fourrier faz uma análise da trajetória de *Clarté* em um editorial de quase dez páginas, intitulado: “De Clarté à la Guerre Civile”, anunciando sua transformação em *La Guerre Civile* para o ano seguinte. A revista conjunta não chegou a ser publicada, e *Clarté* voltou a circular com o mesmo nome. Esta tentativa, além da aproximação com os surrealistas, contudo, expressa também o acirramento dos conflitos ideológicos que envolviam

Barbusse e um grupo que passou a criticar a condução da Revolução por Stalin, após a morte de Lenin.

Os conflitos decorriam dos diferentes posicionamentos de seus editores com o campo socialista, que nesse contexto vivenciava sucessivos embates decorrentes da criação da III Internacional, em 1919, e dos Partidos Comunistas a ela ligados, como o Partido Comunista Francês, criado em 1920. Esses embates demarcaram historicamente a cisão do campo socialista, tendo por eixo diferentes posicionamentos referentes à I Guerra e à II Internacional, e, depois, com relação a processos considerados revolucionários, como os ocorridos na Alemanha, na China, no Marrocos e outros países. Diferentes posicionamentos em relação aos desdobramentos do processo revolucionário soviético, sobretudo depois da morte de Lenin marcaram a trajetória cheia de tensões internas de *Clarté*, opondo a visão racionalista e pacifista de Barbusse à perspectiva bolchevique dos *clartéistes* mais jovens (CUENOT, 2003b).

Conflitos de outras ordens também se sucediam nas Oficinas de *Clarté*, referentes a diferentes proposições de caráter organizativo, editorial e também, conflitos pessoais, a estes articulados. Assim, muitas das polêmicas acerca desta questão foram explicitadas aos seus leitores. Por exemplo, no número 75, de 1925, um longo artigo escrito por Georges Michael, intitulado “Crise et réorganisation de *Clarté*”, apresenta as bases e o método que levaria a nova equipe diretora a observar regras editoriais mais criteriosas. Esse artigo é acompanhado de uma carta de “demissão” de Jean Bernier, que contribuía regularmente com a revista, e uma introdução de Fourier, na qual ele sublinha a importância de os leitores terem acesso ao debate interno e às diferentes versões de seus articulistas. Os constantes embates acerca da orientação política dos periódicos – por vezes visto como conflito entre ecletismo e doutrinário – foi um dos eixos da tensão entre Barbusse e os mais jovens *clartéistes*.

Segundo *Clarté*, os partidos e grupos filiados à II Internacional haviam se afastado da perspectiva revolucionária e internacionalista que estivera presente em sua criação. Nesse contexto, deve ser destacada a referência a Georges Sorel, intelectual francês que criticou duramente o sindicalismo reformista de seu tempo, a ele contrapondo a retomada do sindicalismo revolucionário. Autor de *Reflexões sobre a violência*, inspirador teórico do movimento dos Conselhos de Fábrica e do Biênio Vermelho, Sorel contou com a admiração de Lênin e foi referência constante para Gramsci (LIGUORI, 2017, p. 742). Foi uma referência frequente em *Clarté*, sobretudo quando a revista adquire um volume maior de páginas, entre os anos 1922 e 1925. Jean Bernier, Georges Michael e Marcel Fourier, em especial, escrevem artigos de fôlego em que Sorel é referido constantemente, junto a Lênin, Marx, Rosa Luxemburgo. Como exemplo, citamos o número 21, de 1922, por ocasião de sua morte, Berth escreve um elogioso artigo sobre Sorel, colocando-o ao lado de Proudhon e de Marx, dizendo: “Sua ambição constante foi dotar o movimento operário de uma ideologia própria, capaz de alçá-lo à plena compreensão de sua missão histórica” (BERTH, 1922, p. 496, tradução livre). Outro exemplo é o artigo , publicado em 1925, de Georges Michel, publicado em partes, intitulado “La doctrine sorélienne”. O autor analisa detidamente

o pensamento de Sorel, destacando a sua crítica a II Internacional e a sua “teoria dos mitos”. (MICHEL, 1925, p.24).

Como sabemos, Mariátegui foi bastante influenciado por Sorel, e ente as diversas referencias que faz a ele, encontra-se o artigo intitulado “El hombre y el mito”, em 1925, referindo-se diretamente ao autor como um dos mais altos representantes do pensamento francês do século XX (MARIÁTEGUI, 1994, p. 497-499), no qual apresenta sua visão acerca da importância do mito. No número 9, de maio de 1927, Amauta traduz um trecho de “Reflexiones sobre la violencia”, apresentado sob o título “Lenin y Sorel”, precedido da seguinte introdução:

Es poco conocida por los lectores hispano-americanos la famosa “Defensa de Lenin” por Jorge Sorel. No la hemos hallado aun en español en ninguna revista ni ninguno de los libros traducidos al castellano. Se trata, sin embargo, de un documento de extraordinaria importancia, que señala magistral y concretamente la conexión del gran teórico del sindicalismo revolucionario y la obra del genial jefe del comunismo ruso. En pueblos donde es frecuente que militantes y propagandistas que creen fielmente inspirarse fielmente en el sindicalismo manifiesten una total incomprensión de la revolución rusa la importancia de esas páginas de Sorel se duplica. La publicamos por esto traduciéndolas de la última edición francesa de las reflexiones sobre la violencia” (AMAUTA, 1927, p. 25)

Se não há dúvida de que Mariátegui tomou contato com Sorel no contexto italiano, inclusive pelas páginas de *L'Ordine Nuovo*, certamente a leitura em chave francesa se deu via *Clarté*.

Ao longo de seus quase dez anos de existência, *Clarté* atravessou inúmeras situações de crise financeira e de conflitos políticos, de diversas ordens, tanto internos como relacionados com o campo político e artístico de seu redor. Barbusse, apesar de manter-se como diretor por muitos anos, esteve no centro dos conflitos e acabou se afastando do grupo, e assumindo a direção de outra revista. As novas lideranças, então, em particular Pierre Naville, Victor Serge e Michel Fourier, transformaram *Clarté* em uma revista crítica do stalinismo⁹, em 1928: a revista *La Lutte de Classes*.

A tarefa americana

Como dito antes, a experiência de *Clarté* foi replicada em vários outros países, seja de forma indireta ou direta. Um exemplo paradigmático foi a revista *Claridad* do Peru, capitaneada por Haya de la Torre e da qual participou Mariátegui, interinamente, um pouco antes de sua ruptura com o líder da Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA), em 1925. Na Argentina, Antônio Zamora cria o *Editorial Claridad*, em 1922, e em 1926 a revista de mesmo nome, de explícita relação com *Clarté*. Na Argentina, se pode notar a clara influência de *Clarté* em *La Vida Literária* e em *Babel*, coordenadas por Samuel Glusberg (de pseudônimo Enrique Espinoza), um dos principais interlocutores

de Mariátegui naquele país e um dos principais divulgadores do seu trabalho, inclusive após sua morte (TARCUS, 2004).

Referências diretas e apropriações de elementos diversos de publicações “irmãs” foi um ponto comum no campo editorial do período. Experimentações em aspectos formais, estéticos, além do conteúdo propriamente dito, foram compartilhados por grupos e editores que expressam propostas ou ideologias similares, ainda que muitas vezes essa relação seja bastante tênue e retórica. Neste sentido, reportamos ao conceito de *editorialismo programático de vanguarda*:

El *editorialismo programático* fue el motor propulsor de estos diversos *textos colectivos* que aparecieron durante el vanguardismo y posteriormente, en las nuevas inflexiones que se abrieran con la década de los sesenta. En cuanto empresas editoriales lograran difundir, de manera inusitada, manifiestos, diarios, revistas, congresos, que contribuyeran a las ricas discusiones que constituyeran puntos de encuentro entre nuevos proyectos y nuevas prácticas de sujetos sociales nacientes (BEIGEL, 2003, p. 110, grifos meus).

Esta rede editorialista na América Latina conheceu um impressionante crescimento no início do século XX. Para se ter uma ideia, em 1918 havia no Peru 167 periódicos sendo publicados e, em 1929, esse número alcançava 475 títulos, conformando o que Fernanda Beigel chama de “explosão gutemberguiana” (BEIGEL, 2003a, p. 21). Ela marca a virada do século XIX para o XX e está intrinsecamente ligada à constituição de uma *esfera pública*, para a qual contribuíram os processos de alfabetização da população, em escalas mais amplas, e as inovações técnicas relacionadas à reprodutibilidade de obras de arte e de manuscritos. Tais conquistas da modernidade foram apropriadas por diferentes setores sociais, desde os meios populares, e também se expressaram no “pipocar” de revistas operárias de diferentes inspirações (TARCUS, 2004). Os leitores e, principalmente, os assinantes eram convocados permanentemente a contribuir com as tarefas de distribuição, de comercialização e divulgação, de forma militante. A maior parte dos empreendimentos editoriais envolveu-se com a edição de livros e obras, buscando impulsionar uma nova cultura e sociabilidade, a um só tempo moderna e socialista. A partir dessa perspectiva, de democratização do conhecimento, é que se deve inserir os propósitos de difusão cultural e educação através de periódicos. central nos empreendimentos aqui considerados, na qual se insere a permanente divulgação de livros, de revistas, de polêmicas e debates, tradução de obras e de textos políticos (como manifestos e discursos) e campanhas em prol da leitura, que se apoiavam nas possibilidades de acesso a baixo custo aos livros e revistas. Neste contexto, a Argentina gozava de destaque na época, pois o país conhecera um grande avanço em relação a alfabetização do povo. Revistas como Claridad argentina apostavam neste processo, acrescentando elementos situados a esquerda, a educação do povo e a popularização da cultura que crescia com a expansão do ensino e da alfabetização. A juventude peruana, por sua vez, expressa

em sua própria *Claridad* esta proposição, através da construção de uma ampla *Tribuna del Pensamiento Izquierdista*. (MONTALDO, 1990; CASSONE, 1998)

Foi neste ambiente que o jovem Mariátegui iniciou sua carreira, inicialmente como entregador de jornais e linotipista, e, a seguir, como articulista, nos jornais *El Tiempo*, *Mundo Limeño* e na revista *Lulu*. Neste período, situado entre 1909 e 1919 – que sera chamado de “Idade da Pedra” – já se pode perceber vários elementos que, alguns anos depois, irão conformar uma obra consistente e original, tanto como escritor quanto como editor. Ajuda a criar o Jornal *La Razón*, na esteira das mobilizações estudantis decorrentes da Reforma de Córdoba, e logo a seguir, o periódico *Nuestra Epoca*. O enfrentamento com o Governo peruano, sob a presidência de Leguía, leva Mariátegui e outros companheiros a serem afastados do país, em um período que ficou conhecido como “exílio” na Europa, entre outubro de 1919 e março de 1923, quando passa a residir na Itália, onde se especializará em assuntos internacionais, enviando seus artigos para diversos periódicos do Peru. Seu retorno ao Peru em 1923, demarcará uma nova etapa no seu trabalho, que ele definirá, anos depois, de *tarefa americana*:

Yo no me sentí americano, sino en Europa. Por los caminos de Europa, encontré el país de América, que yo había dejado, y en el que había vivido casi extraño y ausente. Europa me reveló hasta qué punto pertenecía yo a un mundo primitivo y caótico; y al mismo tiempo me impuso, me esclareció *el deber de una tarea americana*... Europa me había restituido, cuando parecía haberme conquistado enteramente, al Perú y a América (MARIÁTEGUI, 1970, grifos meus)

Esta conhecida frase de Mariátegui demarca sua virada “anti-eurocêntrica”, e foi repetida por ele, em diferentes ocasiões. Por isto, há várias referências diferentes, com relação a este trecho, todavia, a mais precisa, ao meu ver, seria a que foi escrita no artigo intitulado “Itinerário de Waldo Frank”, publicada em *Variiedades*: Lima, 4 de dezembro de 1929, e reunida, depois, no livro *El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy*, reeditado em 1970. Ela também remete à *missão coletiva* de consolidar no Peru e na América uma alternativa ao capitalismo cujas características era diferenciadas daquelas vivenciadas na Europa. Este projeto está, portanto, intrinsecamente relacionado com sua adesão ao marxismo e à luta socialista internacional, e, ao mesmo tempo, com a busca de compreensão de seu contexto – nacional e regional. Desde 1925, escreve regularmente para uma seção que intitulou “Peruanicemos el Peru”, no qual as principais reflexões que aparecem, a seguir, nos *Sete ensaios*, estão presentes. Deste projeto faria parte a consolidação de uma rede editorial programática, em todo o continente, e, no seu caso, a consolidação de uma editora própria. Porém, sem nunca abandonar o trabalho como articulista, colaborando com outros periódicos quando de seu retorno à terra natal, é como editor que Mariátegui consolida seu mais importante papel, no sentido de um intelectual orgânico preocupado com a organização da cultura ligada à classe proletária, como sugere Leila Escorsim (2006).

O conhecimento do *métier* editorial vinha do período anterior a viagem à Europa, mas consideramos que o principal marco na trajetória *editorial* de Mariátegui é posterior a seu retorno ao Peru. O primeiro momento seria aquele situado entre 1923 e 1925, no qual ele assume interinamente a direção da revista *Claridad*, e o segundo momento, entre 1925 e 1930, quando são criadas a *Sociedad Editorial Amauta* e a *Librería e Imprenta* Minerva, e se publicam a revista *Amauta* e o jornal *Labor*.

Claridad foi criada por Haya de la Torre, principal liderança do movimento estudantil peruano que se firmou no cenário político a partir da Reforma Universitária de Córdoba. Reunida na Federação dos Estudantes Peruanos. Essa nova geração de estudantes organizou, em 1923, as Universidades Populares Gonzáles Prada, destinadas à formação das classes populares em várias cidades do Peru, e elas são referidas permanentemente nas páginas de *Claridad*. Tão logo retorna a seu país, vindo da Europa, Mariátegui é convidado a proferir algumas aulas na Universidade Popular Gonzáles Prada de Lima e, a partir de então, se aproxima de Haya de La Torre. A aliança entre os dois se consolida por meio da colaboração de Mariátegui com *Claridad*, revista que inicialmente se apresenta como porta-voz da Federação dos Estudantes Peruanos. Mariátegui escreve, no primeiro número de *Claridad*, de 1º de maio de 1923, o artigo intitulado “El ocaso de la civilización europea”. A consigna do periódico “Todos los espíritus libres del Peru son considerados miembros colaboradores de *Claridad*” explicita o alinhamento com o Grupo Clarté. No primeiro número encontra-se uma caricatura de Barbusse com a legenda “El fundador de la Internacional del Pensamiento”. E, ainda, a primeira parte de seu livro *Con el cuchillo entre los dientes*, com tradução do francês (*Le couteau entre les dents*), que seguiria sendo publicado entre os números 2 e 6. Com 20 páginas, esse número tem também muitas ilustrações e artigos de diversos autores peruanos.

Observa-se, na capa acima, as semelhanças com *Clarté* nos logotipos usados. A partir do número 5, de março de 1924, como se pode ver acima, Mariátegui assume como diretor interino e logo depois como seu editor principal, em razão do exílio de Haya de la Torre no México. Já nesse momento, muda-se a referência da revista para “Órgano de la Federación Obrera local de Lima y de la Juventud Libre del Peru”, o que sinaliza mudanças mais substanciais que se expressarão no próprio conteúdo. Estas diferenças já expressam os germens do afastamento que levará, alguns anos depois, em 1927, a ruptura entre Mariátegui e Haya de la Torre:

A partir del número 5 hay un evidente giro doctrinario: abandonase el tono estudiantil (...). El número está dedicado a Lenin, quien murió el 21 de enero. En ella se incluye el editorial de homenaje – escrito por Mariátegui en base de su conferencia en la Universidad Popular –, un artículo de Trotsky, las tesis de Lenin sobre la dictadura del proletariado y el testimonio de Charles Gide sobre la Rusia Soviética” (PORTOCARRERO, 1994, p. 15).

Durante sua atuação como diretor interino, Mariátegui se dedica também a organizar a *Editorial Obrera Claridad*, cujo objetivo seria contribuir com a organização da classe operária. No número 5, *Claridad* chega a publicar a proposta do estatuto

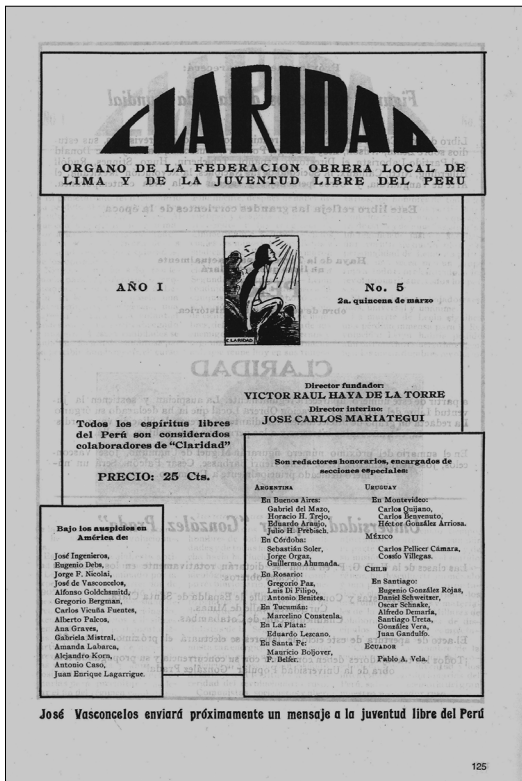


Fig. 04. Capa da Revista Claridad, n. 5, Março de 1924

dessa editora, que teria como foco principal a publicação de um jornal operário diário e uma gestão cooperativada (PORTOCARRERO, 1994, p. 16). À luz da experiência de *Clarté*, a proposta seria organizar o trabalho editorial de forma completa, ou seja, o mesmo grupo tocaria a gráfica, a editora e a livraria. Mariátegui retomará o mesmo projeto logo a seguir, já distante de *Claridad* e de Haya de la Torre, com a proposta de criação de uma revista e de uma editora própria.

Mas, nas publicações feitas no âmbito de Minerva e, depois, da *Sociedad Editora Amauta*, as referências a *Clarté* serão menos diretas do que em *Claridad*. Elas podem ser percebidas mais pelo temário abordado, por aspectos editoriais propriamente ditos, e menos por referências diretas que sugerissem uma “filiação”. Sabemos que Mariátegui seguiu como assinante e leitor assíduo da revista até o final de sua vida. Nas correspondências compiladas por seus familiares, constam duas destas, confirmando sua relação com o grupo. Ambas contêm assinaturas indecifráveis, em nome do comitê editorial. Uma delas, datada de 22 de setembro de 1926, com os seguintes dizeres, originalmente em francês:

Querido Camarada, como anunciamos en el último número de *Clarté*, suspendimos el servicio del libro del mes. Revisando las cuentas, averiguamos que la suya sigue siendo deudora de la suma de 41,05. Para poder clausurar nuestra contabilidad, le agradeceríamos tenga a bien hacernos llegar el saldo lo más pronto posible. Esperando, reciba, camarada, nuestros saludos fraternales (MARIÁTEGUI, 1994b, p. 1796).

A outra data de 4 de abril de 1927, e refere-se ao recebimento de Revista Amauta, bem como ao trabalho de Mariátegui no trabalho de difusão da revista francesa:

Querido camarada: He recibido su carta del 4 de marzo. Nosotros recibimos en efecto su revista y se lo agradecemos. Pido disculpas por no haberles enviado más pronto *Clarté* pero desde ahora les haremos el servicio desde luego estamos a su disposición para todo envío suplementario de *Clarté* que Uds. deseen para la difusión. Saludos fraternales (MARIÁTEGUI, 1994b, p. 1848).

Assim, as referências diretas à *Clarté*, que expressam o desejo de uma “filiação” com o grupo, como ocorrera em *Claridad*, desaparecem no segundo momento. Elas não desaparecem, de todo, porém: podem ser percebidas de formas mais sutis, seja pela temática, pelos autores e pelos aspectos editoriais propriamente ditos.

A *Sociedad Editora Amauta*, sucessora da *Liberaria Minerva*, criada em 1925, responsabilizou-se pelos periódicos *Amauta*, entre 1926 e 1930, e *Labor*, entre 1928 e 1929. A empresa contou com o apoio decisivo de Júlio César, irmão de Mariátegui, que dispunha de recursos econômicos para importar a máquina tipográfica da Itália e foi gerente administrativo e sócio majoritário da empresa. Mariátegui era editor-geral, junto com Felix del Valle, e sócio minoritário que desenvolveu outros trabalhos no ramo editorial como, por exemplo, a impressão de livros escolares e correlatos. Este trabalho contribuía com a atividade principal, que era a edição das publicações próprias, e as vezes se sobrepunham a estas, como se pode ver nas diversas cartas trocadas entre Mariátegui e Samuel Blusberg, entre outros editores, a respeito das dificuldades financeiras e atrasos nas diversas edições de periódicos e livros (MARIÁTEGUI, 1994b, p. 1869-2086).

O jornal *Labor* destinava-se à classe operária, em ascensão naquele momento: em 1928 foi criado o Partido Socialista do Peru e, alguns meses depois, a CGTP (*Confederación de los Trabajadores del Peru*), ambos tendo à frente Mariátegui. *Labor* era visto como uma extensão de *Amauta*, tendo reverberado muitas das discussões feitas nessa última. Tinha uma média de oito páginas, com impressão em preto e branco, e o preço era bastante acessível. *Labor* apresenta-se como um “quincenario de información y ideas publicado por la *Sociedad Editorial 'Amauta'*”, articulado com a tarefa de difusão cultural, com o propósito de “llegar a los sectores del público a los cuales *Amauta* no alcanza” e ter “el mismo espíritu y programa” (LABOR, 1970, p. 6).



Fig. 05. *Jornal Labor*, n. 4, Dezembro de 1928

Observa-se neste número a presença de uma obra de Diego Rivera, a luz da preocupação de *Labor* em veicular as obras de arte das vanguardas da época, fazendo-as chegar a um amplo conjunto de trabalhadores. A matéria com a qual se vincula a obra trata de um dos “acidentes” mais frequentes que atingia os trabalhadores das minas na Bolívia e no Peru, naquele momento, e a forma como eram tratados. E, neste sentido, assinalando uma das principais diferenças das vanguardas socialistas com outras revistas vanguardistas desta época que se restringiam a atingir um público mais elitizado e não a classe trabalhadora.

A revista *Amauta* recebeu originalmente o nome de *Vanguardia*. Ela chegou a ser anunciada em outros periódicos como “Revista semanal de renovación ideológica – Voz de nuevos tiempos”, quando Mariátegui ainda dirigia *Claridad*. Porém, antes de sua publicação definitiva, ocorre a mudança de nome. *Amauta* será a espinha dorsal do projeto mariateguiano. A mudança de nome, ocorrida alguns dias antes da primeira edição, em 1926, reflète a importância que a questão indígena assume na reflexão de Mariátegui e seus interlocutores, numa conjuntura em que os movimentos indígenas e o indigenismo, em suas diferentes expressões, se impunham no Peru (ALIMONDA, 1994). O nome correspondia à noção de líder, em quéchua, e foi proposto pelo artista plástico José Sabogal, que ocupará um papel de destaque na revista.

O indigenismo no Peru do século XX se expressou em duas correntes: uma tendência estética cultural e outra, política, favorável à libertação do indígena, junto a agitações populares mais amplas, em vários centros urbanos do país. Não se tratava de um movimento indígena autóctone, mas, antes, da busca de construção de uma identidade nacional na qual adquirem positividade justamente os setores menosprezados pelas elites coloniais e a burguesia imperialista: operários, camponeses, indígenas, *cholos* ou mestiços (BEIGEL, 2006, p. 207). Neste sentido, a aliança entre Mariátegui e Sabogal, expressa na revista *Amauta*, pode ser entendida.

Com uma média de 45 páginas e 24 cm x 33 cm de tamanho, *Amauta* foi editada mensalmente e vendida a preços módicos, tanto os números avulsos como as assinaturas anuais. Chegou a ter 100 páginas em seus últimos anos, quando o formato diminuiu para 24 cm x 16 cm. Como *Clarté*, a revista publicava com frequência matérias e informes sobre a sua sustentação econômica, pretendendo funcionar como um empreendimento cooperativo e anticapitalista, através do apoio de acionistas (“amigos de *Amauta*”) e do ativismo ou da militância de seus assinantes e leitores. Por este motivo, *Amauta e Labor não chegou apenas a* outros países, mas capilarizou-se pelo vasto interior do Peru e de outros países andinos. Mariátegui foi incansável neste sentido, projeto para o qual contou com apoio de seus interlocutores e camaradas ligados aos movimentos sociais que vivam nas cidades e pueblos mais isolados e pobres (BEIGEL, 2006). O contexto de mobilização de operários, estudantes e indígenas impulsionou este processo. A capacidade de interlocução e o capital social adquirido ao longo dos anos o consolidou.

Além do editorial e de artigos de fundo de seus articulistas, a revista mantinha uma seção dedicada a publicar documentos e manifestos e outra reservada a resenhas e anúncios de livros, revistas, discos e filmes. Este era um espaço privilegiado de diálogo entre revistas e editoras, mas o conjunto dos artigos e ilustrações também expressava um intenso intercâmbio de articulistas e artistas.

Contava com a importante contribuição de tradutores, como também encontramos em *Clarté*. Os exemplares eram enviados a outras editoras e escritores, com o intuito de receber apreciação. *Clarté* recebeu exemplares de *Amauta*, dos *Sete ensaios* e outros livros. Os editores da nova geração de *Clarté*, em particular Pierre Naville, trataram com um certo desprezo estes materiais, como analisamos em outro artigo sobre o tema (TORNQUIST, 2017). Essa posição contrasta com a apreciação positiva que lhe reservara Barbusse, anos antes. Em carta enviada à Mariátegui, datada de maio de 1926, o escritor francês assim se manifesta:

Recebi vossa obra *La escena contemporánea*. Como estou desolado de conhecer mal a linda língua espanhola – que é de todas as línguas vivas que conheço a que eu admiro mais – e que me impede de ler fluidamente sua obra. Mais do que nunca nos ocupamos de agrupar as forças intelectuais internacionais. (...) Eu me colocarei sem dúvida em breve com você para isto, porque penso que você representa em seu país os elementos mais ardentes e lúcidos que necessitamos chegar a organizar em bloco (MARIÁTEGUI, 1994b, p. 1786).

Apesar da importância dos artigos internacionais, Amauta sera carregada de “peruanidade” e latinoamericanidade. Na capa do número 16 (figura 06), há um artigo sobre Barbusse, mas a maioria das matérias refere-se a América e é escrita por autores latino-americanos.

Amauta dedicou grande parte de suas páginas à arte e à cultura: cerca de 41% do número total de referências em artigos (BRUCKMAN, 2012, p. 65), a maioria deles tratando de artistas latino-americanos e, entre os peruanos, os que faziam parte do chamado indigenismo pictórico. As capas são exemplares no sentido de dar vazão a produção desta escola, e são editadas com cores, como se pode ver na figura 07. Já as reproduções que compõe a parte interna da revista, são acompanhadas de matérias específicas, de várias páginas, geralmente com destaques, eventualmente, em cores pastéis e papel diferenciado, acompanhadas de comentários de curadores ou críticos.

Por exemplo, no número 14, de abril de 1928, a matéria “Arte mexicana” é dedicada a jovens pintores daquele país, e a seguir, no número 15, a arte peruana aparece com obras de Carmen Saco e Ricardo Flores. No número 16 uma matéria traz obras de José Sabogal expostas em Buenos Aires. Esses artistas compuseram um importante

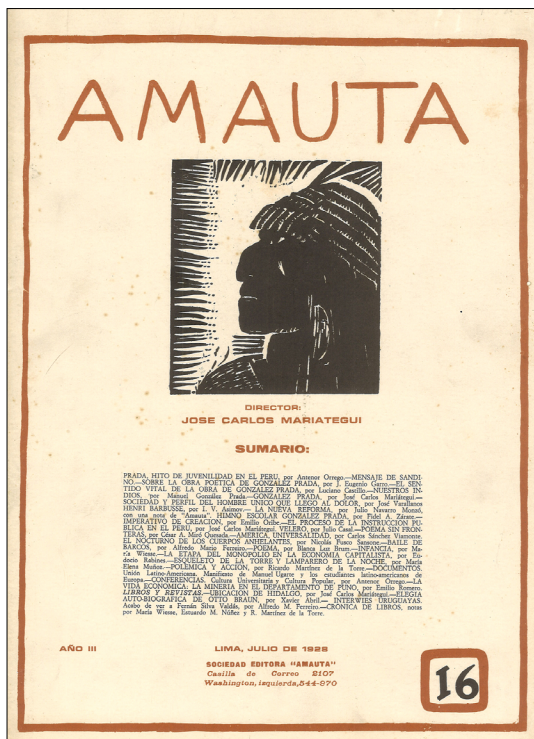


Fig. 06. Capa de *Amauta*, n. 16, Julho de 1928.

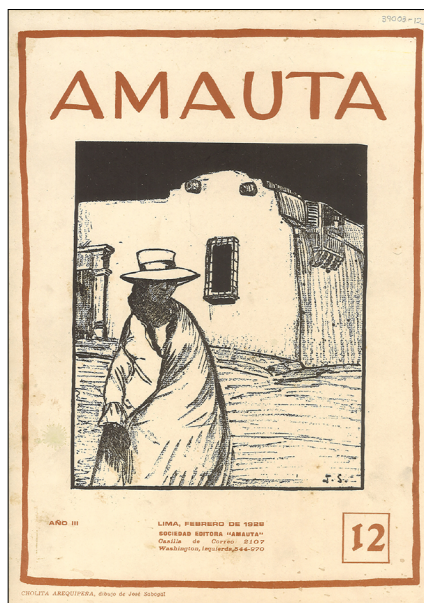


Fig. 07. Capa de *Amauta*, n. 12, Fevereiro de 1928.

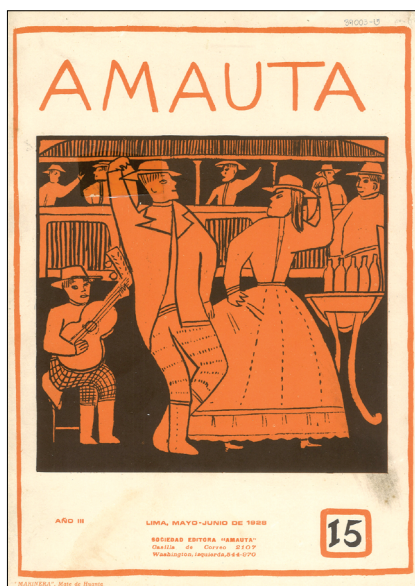


Fig. 08. Capa de *Amauta*, n. 15, Junho de 1928.

movimento estético, influenciado pelas vanguardas “europeias”, mas em busca de uma identidade nacional indígena e/ou mestiça, como em outros países da América Latina. O indigenismo estético, também chamado de pictórico ou, ainda, “*indigenismo-2*”, expressou a busca de uma articulação entre elementos universais e nacionais, com uma clara adesão aos elementos populares, de onde emerge a aliança com o socialismo mariateguiano.

À guisa de conclusão

A amplitude dos temas abarcados em *Amauta* – do indigenismo à Revolução Soviética, da psicanálise à política internacional – expressa, a meu ver, o mesmo desejo de compreender o mundo contemporâneo que *Clarté* manifestava desde seu início. Mas não se pode ver na revista uma mera reprodução das temáticas e das “pautas” europeias: ao contrário, *Amauta* foi original justamente por ter tratado de uma grande diversidade de temas e de abordagens a respeito da situação *peruana*.

A adesão de Mariátegui a *Clarté* se expressa no seu compromisso com a difusão da cultura e do conhecimento universais. A criação das suas próprias revistas e o vínculo permanente com *Clarté* são evidentes na sua trajetória. Mas se ela se faz presente no seu projeto editorial, isto não ocorre de forma direta.

Mariátegui apropriou-se do que lhe interessava da experiência francesa para construir um projeto editorial e político condizente com os dilemas de sua realidade americana. Aproveitou o exemplo do grupo francês no sentido de criar uma ampla rede de apoiadores, através de uma política de subscrições e de assinaturas bastante ampla, na perspectiva de uma educação e formação revolucionária, em todos os sentidos da existência. *Claridad*, *Amauta* e *Labor* são periódicos firmemente ancorados na realidade latino-americana e articulados, ao mesmo tempo, com o contexto mundial.

Assim, a obra de Mariátegui foi construída no âmbito de sua atividade como organizador da cultura com vistas à construção de um projeto de transformação radical no Peru. Avesso – embora não alheio – ao mundo acadêmico, autodidata e intelectual forjado na interlocução com os sujeitos políticos de seu tempo, construiu o melhor de suas reflexões em suas palestras, em seus artigos e nos periódicos que viabilizou. O seu empenho na consolidação de uma ampla *rede editorial programática de vanguarda* esteve imbuído da inspiração *clartéiste* – de promover uma “revolução dos espíritos”. Nesse sentido, compreendem-se as ações repressivas do governo Leguía sobre a editora, em especial em 1927 (com a suspensão da publicação de *Amauta* por vários meses e a detenção de Mariátegui por alguns dias) e em 1928 (com a apreensão de *Labor*), expressando a importância que essas publicações tiveram no acirramento dos conflitos de classes no Peru naquele período (QUIJANO, 2008, p. 238-237).

A publicação de livros e periódicos a baixo custo e o empenho na sua ampla difusão esteve relacionada ao propósito de socialização da cultura, facilitando o acesso de amplas massas às reflexões teóricas sobre a realidade social, local e mundial, na qual estavam inseridas. A publicação de obras originais – muitas delas hoje conhecidas como livros – em partes, em periódicos populares, era bastante comum nos meios socialistas

desde o século XIX. Tratava-se de garantir o acesso a informações fidedignas, bem como à formação e educação do proletariado, na trilha aberta no século XIX, pelos anarquistas e socialistas, a partir da proposta de educação socialista e revolucionária do proletariado. Esta se expressou, de forma paradigmática, no empenho de Marx, por exemplo, em adaptar o primeiro volume de *O capital* para que fosse difundido amplamente aos trabalhadores, tornando-a uma obra popular (TARCUS, 2018). *Clarté* seguiu esta tradição desde os seus primeiros números, e não foi diferente com os periódicos coordenados por Mariátegui esteve vinculado. E, considerando a realidade latino-americana, o esforço deste ltimo se reveste da importância certamente maior.

Amauta – a editora, a revista e o próprio Mariátegui, que passou ainda em vida a ser chamado de *El Amauta* – guarda sua riqueza e atualidade justamente por articular, como de forma original, elementos locais e universais, sem cair no eurocentrismo nem resvalar para o excepcionalismo, duas “tentações” opostas que estiveram presentes, entre outras perspectivas, no pensamento marxista latino-americano, como coloca Löwy (1999, p. 20). A relação de Mariátegui com o movimento comunista europeu, viabilizada por movimentos como *Clarté*, contribuiu para que pudesse levar a cabo, no restrito tempo de sua vida biológica, a elaboração desta *tarefa americana*.

Referências

ALIMONDA, Hector. Mariátegui: vanguardas, tradição e modernidade. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 101-113, 1994.

AMAUTA. *Edición facsimil*. Lima: Editora Amauta, 1994.

BEIGEL, Fernanda. *El itinerário y la brújula*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2003a.

_____. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopía y Praxis*, ano 8, n. 20, p. 105-115, marzo 2003b.

_____. Una mirada sobre otra: el Gramsci que conoció Mariátegui. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 10, n. 18/19, p. 23-49, 2005.

_____. *La epopeya de una generación y una revista: las redes editorialistas de Mariátegui en América Latina*. Buenos Aires: Biblos, 2006.

BERTH, Edouard. Georges Sorel. *Clarté*, n. 21, p. 495-496, 1922.

BRUKCMAN, Mónica. José Carlos Mariátegui, la revista *Amauta* y el pensamiento marxista latino-americano. *Comunicação e Política*, n. 30, v. 3, p. 54-74, set.-dez. 2012.

CASSONE, Florencia Ferreira. *Claridad* y la organización de la izquierda latinoamericana. *Anuário de Filosofia Argentina y Americana*, n. 15, 1998.

CRESPO, Regina. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. FRANCO, Stella Maris; JUNQUEIRA, Mary Anne (Org.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. São Paulo: USP/Humanitas, 2011, p. 98-116.

CUENOT, Alain. *Clarté 1919-1924: du pacifisme à l'internationalisme prolétarien*. Tome I. Paris: L'Harmattan, 2003a.

CUENOT, Alain. *Clarté 1925-1928: du surréalisme au trotskisme*. Tome II. Paris: L'Harmattan, 2003b.

ESCORSIM, Leila. *Mariátegui: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

HALL, Michael; PINHEIRO, Paulo Sérgio. O grupo Clarté no Brasil: da revolução nos espíritos ao Ministério do Trabalho. In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 251-287.

LABOR. *Edición facsimil*. Lima: Editora Amauta, 1994.

LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 1999.

LÖWY, Michael. José Carlos Mariátegui e o Surrealismo. *Lutas Sociais*, v. 17, n.30 jan-jun. de 2013, p. 17-36.

LIGUORI, Guido. Georges Sorel. *Dicionário Gramsciano*. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 740-743. (Verbete).

MARIÁTEGUI, José Carlos. La lucha final. *Mundial*, marzo 1925. In: *Mariátegui Total*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994a.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Polémica Finita. *Amauta*, n. 7, março de 1927.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Mariátegui Total*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994b.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Siete ensayos sobre la realidad peruana*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2007.

MARIÁTEGUI, José Carlos. El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy". [on line]. [Data de consulta: 11 de abril de 2019]. Disponível em: https://www.marxists.org/espanol/mariateg/oc/el_alma_matinal. Acesso em 12.4.2019.

MICHEL, Georges. La Doctrine Sorélienne. *Clarté* n. 71, p. 24-28, 1925.

MONTALDO, Graciela. *Los pensadores y Claridad: una propuesta cultural de la izquierda argentina (1922-1941)*. *Cahiers du CRICCAL*, Paris, n. 4/5, p. 421-430, 1990.

NAVILLE, Pierre. Notre travail revolutionnaire – L'enquête de Clarté. *Clarté* n.5, p. 190-192, 1927.

NETTER, Marie Laurence. Les correspondances dans la vie intellectuelle – introduction. *Mille Neuf Cent*, Paris, n. 8, p. 5-9, 1990.

PARIS, Robert. *La formation idéologique de José Carlos Mariátegui*. Présenté pour le Titre de Docteur de 3^e cycle. Paris, École Pratique des Hautes Études (VI section), 1969.

PORTOCARRERO, Ricardo. Introducción à Claridad. In: *Claridad* – Edición Fac Símile, Empresa Editora Amauta, Lima, 1994, p. 7-18.

QUIJANO, Anibal. Prologo. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. *Siete ensayos sobre la realidad peruana*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2007. p. I-CXXIX.

RACINE, Nicole. Une revue d'intellectuels communistes dans les années vingt: *Clarté* (1921-1928). *Revue Française de Sciences Politiques*, 17^e année, p. 468-483, 1967.

SILVA, Michel Goulart. Socialismo e revolução nas páginas de *Clarté*. *Tempos Históricos*, v. 21, p. 52-73, 2^o sem. 2017.

TARCUS, Horacio. Revistas, intelectuales y formaciones culturales izquierdistas en la Argentina de los 20. *Revista Iberoamericana*, n. 208-209, p. 749-772, 2004.

TARCUS, Horacio. *La biblia del proletariado*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2018.

TORNQUIST, Carmen Susana. Las relaciones entre *Clarté* y *Amauta*: anotaciones de pesquisa. *Utopía y Praxis Latinoamericana*. Abril-junio 2017, vol. 22, n. 77, p. 101-112. [on line]. Disponível em: <<http://roduccioncientificaluz.org/index.php/utopia/article/view/22539>>. Acesso em: 1 de março de 2018.

Notas

1 Tomamos como referência, para fins deste artigo, a cronologia publicada na edição da Biblioteca Ayacucho de “*Siete Ensayos de Interpretacion de la Realidad Peruana*”, e prefaciada por Anibal Quijano.

2 *Editorial e Librería Minerva* foram criadas em 1925, sendo sucedidas pela *Sociedad Editorial Amauta*, em 1927. Houve algumas diferenças em relação à organização das duas empresas, porém ambas correspondem ao mesmo projeto editorial protagonizado por Mariátegui.

3 Consultados no acervo de microfimes da *Bibliothèque Sainte-Généviève* e da *Bibliothèque Nationale*, em Paris, entre 2015 e 2016.

4 Consideraram-se também os documentos microfilmados referentes às revistas argentinas consultados no acervo do CeDinCl, em Buenos Aires, em 2018.

5 Uso o termo “revista” de forma genérica, mas atentando para o fato de que os primeiros números de *Clarté* foram boletins.

6 Lefebvre foi um dos principais responsáveis pela “sovietização” de *Clarté*, tendo falecido em circunstâncias obscuras no retorno de um congresso sindical em Moscou, em 1920. *Clarté* permanecerá até o final de seus dias fazendo referências a ele, em datas comemorativas e em artigos.

7 *“Vous ne savez pas qui est Mariátegui? Et bien... c'est une nouvelle lumière de l'Amérique; un spécimen nouveau de l'homme américain.”*

8 O feminismo foi um tema abordado em diversos momentos, em *Clarté*, e correspondeu ao crescimento das organizações de mulheres socialistas naquele contexto. Mas, face a complexidade do tema, não analisaremos em detalhe esta questão, aqui.

9 Barbusse permanece no Partido Comunista Francês e, portanto, alinhado à III Internacional e à União Soviética até 1935, quando falece, em Moscou – não sem antes ter escrito uma biografia de Stálin.

Carmen Susana TORNQUIST é Licenciada em História, Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (1992) e Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004). É professora titular da Universidade do Estado de Santa Catarina, onde atua no departamento de Geografia e no Programa de Pós Graduação em Planejamento territorial e desenvolvimento sócio-ambiental, colaboradora – INTC Instituto Brasil Plural. Realizou Estágio Pós Doutoral na EHESS (CEIFR) sob a supervisão de Michael Löwy.

Recebido em: 05/12/2018

Aprovado em: 13/02/2019